

EXCLUSIVO

Oferecer artigo 6

MÚSICA

Ricardo Bacelar fez um disco em Dolby Atmos para se apropriar do estúdio que criou

Vindo do rock brasileiro dos Hanoi Hanoi, nos anos 80, Ricardo Bacelar assinala duas décadas de carreira a solo com um disco de intérprete, *Congênito*, só com versões.

Nuno Pacheco

6 de Novembro de 2022, 7:30



Ricardo Bacelar LEO AVERSA



Ouçá este artigo aqui



1.0x

00:00

05:31

[Saber mais](#)

Antigo membro de um grupo do chamado BRock, ou rock brasileiro, nos anos 1980, os Hanoi Hanoi, Ricardo Bacelar lançou-se a solo há vinte anos, primeiro com o álbum *In Natura* (<https://www.youtube.com/watch?v=XJrwM-0oUn0>) (2001), a que se seguiram *Concerto Para Moviola* (<https://www.youtube.com/watch?v=H08SWnsfThk>) (2016), *Sebastiana* (<https://www.youtube.com/watch?v=LSnmWyNqYGs&list=PL75CY0OTTN1VFEIbM1pjrAg27WRcb3AzD>) (2018), *Ao Vivo no Rio* (<https://www.youtube.com/watch?v=T4m9WNm4WE8>) (2020) e *Paracosmo* (<https://www.youtube.com/watch?v=P0vCzmha7bQ>), este em parceria com o violonista e compositor Cainã Cavalcante (2021). Agora está de volta aos álbuns, mas com um projecto diferente, de intérprete, a partir de uma selecção de temas com assinaturas de Chico Buarque, Caetano Veloso, Gilberto Gil, Djavan, Lenine, Ivan Lins, Luiz Melodia, Belchior, Adriana Calcanhotto, Jorge Mauther, Dori Caymmi e outros. Chama-se *Congênito* (título de uma canção de Luiz Melodia) e foi gravado em Dolby Atmos. O processo, explicou-o Ricardo no YouTube, num documentário de 22 minutos chamado *Immerse* (<https://www.youtube.com/watch?v=IswBaKexi9U>).



“Eu montei um estúdio em casa, para fazer os discos, porque gosto muito de trabalhar com produção”, diz Ricardo Bacelar ao PÚBLICO. “E o intérprete foi chegando aos poucos. No *Sebastiana* eu já cantei uma música e também lancei alguns singles, como *Bicho elegante*, uma música que fiz com Belchior, e fiz outro com a Delia Fischer, uma cantora e pianista carioca [*Nada será como antes* (<https://www.youtube.com/watch?v=3knHNIQCIVE>), de Milton Nascimento]. Mas *Congênito*, eu fiz esse disco sozinho,

porque precisava de testar os microfones, os pré-amplificadores, a mesa, os espaços. Trabalhei com a tecnologia Dolby Atmos, de áudio imersivo, para ouvir a 360 graus, e o disco foi uma espécie de laboratório para me apropriar do estúdio [a que chamou Estúdio Jasmim]. E gerou esse repertório de música brasileira. Fui cantando, gostando e aconteceu naturalmente.”

Não foi nada planejado, nem as músicas nem o alinhamento do disco. “Na música, é muito bom quando as coisas vão acontecendo naturalmente. E foi muito interessante, porque este é um disco acústico, gravado todo com microfone, sem *loops* ou pré-gravados, nada electrónico. Tem muita massa sonora. Por exemplo: para gravar uma percussão da Bahia e para gerar tamanho, não volume, é preciso gravar várias vezes, para soar com um som de rua. E isso aconteceu em *Maracatu atômico* (<https://www.youtube.com/watch?v=efF56LCWZFw>). Já lancei o disco no Brasil, nos Estados Unidos (está tocando bem na rádio americana), no Japão, gostam muito do meu trabalho, e agora estou lançando em Portugal.”

O disco foi gravado já no final da pandemia, com muita gente vacinada, mas ainda no período em que se usavam máscaras protectoras. “Foi uma das razões por que não quis ficar trancado muito tempo no estúdio com outras pessoas, porque o ar só circula através do ar condicionado e é muito contagioso. Mas foi muito prazeroso, tive uma relação muito próxima com o repertório, que é um recorte da música brasileira de determinado período (a maioria dos autores tem mais de 70 anos). E o disco já está inscrito para concorrer ao Grammy, em três ou quatro categorias.”

Ricardo, que nos *Hanoi Hanoi* (<https://www.youtube.com/watch?v=uro7MtnPIGM>) assegurava teclas e voz, não integrou neste seu novo disco nenhuma música inédita porque quis encará-lo como “um projecto de produtor”. No total, gravou doze canções, a começar com *O último pôr do sol* (Lenine e Lula Queiroga) e a fechar com *Maracatú atômico* (Jorge Mautner e Nelson Jacobina). Pelo meio, desfilam *She walks this earth* (Ivan Lins/Vitor Martins/Chico César/Brenda Russell), *Congênito* (Luiz Melodia), *Morena dos olhos d’água* (Chico Buarque), *A tua presença morena* (Caetano Veloso), *Estrela* (Gilberto Gil), *Mentiras* (Adriana Calcanhotto), *É preciso perdoar* (Carlos Coqueijo/Alcyvando Luz), *Paralelas* (Belchior), *Estrela da terra* (Dori Caymmi/Paulo César Pinheiro) e *Lambada de serpente* (Djavan). “Este disco de intérprete foi um projecto semelhante ao que fiz com Belchior em 1996. Nessa altura tinha uma gravadora com o meu sócio Guti Carvalho, o Belchior foi gravar um disco conosco e o Guti deu a ideia de ele fazer um disco de intérprete. Ele nunca tinha feito isso. Foi quando fizemos essa música de que falei, *Bicho elegante*.”



O título do disco, *Congênito*, que é também o título da canção de Luiz Melodia que Ricardo aqui gravou, teve uma intenção: “Eu me liguei muito nessa questão do multi-instrumentista desde criança, mas nunca tivera a ousadia de expor isso. Porque sou um pianista, e muito exigente. Mas é uma coisa inata, que faz parte de nós [o querer tocar vários instrumentos], daí eu pensar que *Congênito* talvez expressasse melhor essa condição, o de intérprete da voz e dos instrumentos todos. E tem instrumentos exóticos, flautas indianas, instrumentos orientais, berimbau, etc.”





A capa do disco

Nascido em Fortaleza, no Ceará, em 19 de Julho de 1967, Ricardo Bacelar esteve ligado ao grupo Hanoi Hanoi durante onze anos, entre 1987 e 1998. “O grupo fez muito sucesso na época, fizemos muitos concertos, muita gente gravou músicas nossas, o Caetano, o Gilberto Gil, a Marisa Monte, a Anitta. Era uma banda que misturava o rock com a música africana, tinha muita percussão.” Agora, a par do estúdio que montou, lançou uma etiqueta ou selo próprio, Jasmim, com o qual conta lançar vários discos. “Já estou com mais dois para sair, um com a Delia Fisher, já pronto, e outro com o Roberto Menescal, já gravado e que estou agora finalizando.”